



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
CAMPUS IV**

OS CONFLITOS CULTURAIS NA OBRA *VINTE E ZINCO* DE MIA COUTO

RAILANE ERICA DE QUEIROZ LIMA

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2017

RAILANE ERICA DE QUEIROZ LIMA

OS CONFLITOS CULTURAIS NA OBRA *VINTE E ZINCO* DE MIA COUTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras.

Área de concentração: Análise do discurso literário.

Orientador: Prof. Dr. Auríbio Farias
Conceição

Catolé do Rocha – PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732c Lima, Railane Erica de Queiroz.
Os conflitos culturais na obra vinte e zinco de Mia Couto.
[manuscrito] : / Railane Erica de Queiroz Lima. - 2017.
30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Agrárias, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição,
Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Literatura. 2. Colonização. 3. Conflito Cultural. 4. Análise
do discurso.

21. ed. CDD 401.41

RAILANE ERICA DE QUEIROZ LIMA

OS CONFLITOS CULTURAIS NA OBRA *VINTE E ZINCO* DE MIA COUTO

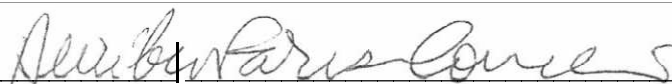
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras.

Área de concentração: Análise do discurso literário.

Orientador: Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição

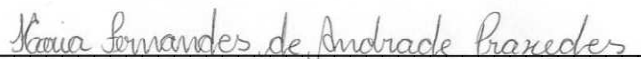
Aprovada em: 12 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA



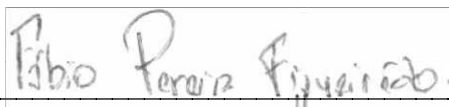
Dr. Auríbio Farias Conceição - UEPB

(Orientador)



Me. Maria Fernandes Praxedes de Andrade - UEPB

(Examinadora)



Me. Fábio Pereira Figueiredo - UEPB

(Examinador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, por esse sonho realizado.

A minha Mãe Maria Luzimar de Queiroz Lima, que lutou para a possibilidade dessa conquista.

Ao meu Esposo João Pereira de Araújo, pela compreensão e dedicação durante todo o momento da minha formação acadêmica.

Aos meus irmãos pelo incentivo.

Aos meus filhos responsáveis pela força de lutar existente em mim.

Aos professores que contribuíam para a minha inspiração ao longo do curso.

OS CONFLITOS CULTURAIS NA OBRA *VINTE E ZINCO* DE MIA COUTO

RESUMO

O presente artigo discorre sobre os conflitos culturais existentes na obra *Vinte e Zinco* (2004), de Mia Couto. A análise será construída levando em conta o processo de Colonização portuguesa ocorrido em Moçambique, o contexto histórico que se relaciona à obra, a forma de utilização da linguagem narrativa, para a construção da obra. O estudo levará também em conta a relação social entre as personagens e os conflitos gerados pela situação entre portugueses e moçambicanos, por conta da situação de colonização. Utilizaremos as considerações de alguns teóricos, tais como Boxer (1967) pela relevância da relação de poder dentro do processo de colonização; Tutikian (2006) por mostrar como a linguagem das etnias nativas foi utilizada pela literatura como meio de resistência contra a tentativa de apagamento pelo colonizador. Todorov (2008) fazendo referência ao fantástico maravilhoso e Foucault (2002) analisando a suposta loucura de uma personagem branca que decide assimilar a cultura negra dos colonizados.

Palavras-chaves: Literatura. Colonização. Conflito Cultural.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
CAPÍTULO 1 - CONTEXTO HISTÓRICO DA OBRA VINTE E ZINCO	07
1.1 Autor e Obra	07
1.2 Contexto histórico Luso-Moçambicano	08
1.3 O processo de Colonização	10
1.4 A presença da Igreja no processo de colonização	11
CAPÍTULO 2 – APRESENTAÇÃO DA OBRA.....	14
2.1 Linguagem utilizada no texto	16
2.2 A presença do fantástico e do mito na obra.....	Erro! Indicador não definido.
CAPÍTULO 3 – CONFLITOS CULTURAIS EM VINTE E ZINCO	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz uma breve análise em torno do tema; *Conflitos Culturais na obra Vinte e Zinco* (2004) do escritor Mia Couto. Inicialmente o estudo se fará a partir de uma análise da colonização em Moçambique, refletindo acerca das formas de exploração da colônia, bem como a literatura foi e é um meio de resistência utilizado para manter a identidade do seu povo.

No primeiro capítulo iremos discorrer sobre o contexto histórico da obra e do autor, trazendo alguns dados sobre acontecimentos relevantes da história. A obra faz referência à Revolução dos Cravos, movimento acontecido em Portugal em 25 de abril de 1974, que teve a participação de alguns militares e o apoio da população, incluindo os jovens e as mulheres que introduziram cravos no cano das armas. O movimento não culminou com o fim da opressão e exploração em Moçambique, na verdade foram as colônias que influenciaram o movimento, devido às guerras pela independência existente nas mesmas, uma vez que a metrópole tinha que enviar recursos financeiros para manter a ordem e demarcar o território. O que aconteceu em Moçambique foi a retirada da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) que era responsável por garantir o domínio português no país.

No segundo capítulo o assunto será a colonização, a relação existente entre o colonizador e o colonizado e a participação da igreja nesse processo. Moçambique era colônia de Portugal e sofreu todo tipo de exploração, pois a metrópole usufrui dos recursos naturais e do trabalho praticamente escravo.

Por último faremos uma breve apresentação da personagem Irene, presente na obra literária *Vinte e Zinco*, destacando suas principais características e relacionando com os traços da cultura moçambicana, apontadas pelo autor.

Irene, personagem representada por uma mulher branca, destaca-se por apresentar traços diferentes da sua cultura. Considerando esses aspectos apresentados, utilizaremos como suportes teóricos Boxer (1967) pela relevância da relação de poder dentro do processo de colonização; TUTIKIAN (2006) por mostrar como a linguagem das etnias nativas foi utilizada pela literatura como meio de resistência contra a tentativa de apagamento perpetrada pelo colonizador. Todorov (2008) fazendo referência ao fantástico maravilhoso e Foucault (2002) analisando a suposta loucura de Irene classificada pela sua família.

CAPÍTULO 1 CONTEXTO HISTÓRICO DA OBRA VINTE E ZINCO

Neste capítulo faremos a contextualização da obra *Vinte e Zinco*, uma vez que a mesma tem relação direta com o dia vinte e cinco de abril de 1974, data que marca a revolução dos cravos, na qual Portugal se vê livre do salazarismo, marca também o início do processo de independência das colônias portuguesas.

1.1 Autor e obra

De acordo com Fenske (2012), Antônio Emílio Leite Couto nasceu em cinco de junho de 1955, na cidade de Beira, em Moçambique. Filho de imigrantes portugueses, foi jornalista, é professor, biólogo, escritor e membro por correspondência da Academia Brasileira de Letras. Conhecido no cenário literário como Mia Couto ocupa a cadeira nº 5 como sócio correspondente cuja função é a de promover um intercâmbio entre seu país de origem e o Brasil, o autor em destaque também participou da política, sendo membro da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), movimento que surgiu da união de diversos movimentos que lutavam contra o domínio português e pela libertação nacional de Moçambique, tendo como líder Eduardo Mondlane.

Mia Couto possui diversas produções literárias, dentre elas: *Raiz de Orvalho*, livro de poemas publicado em 1980; *Vozes Anotecidas*(1986); *Cada Homem é uma raça*(1990); *O Fio das Missangas*(2003); *E se Obama fosse africano?*(2009); *Pensageiro Frequente* (2003) e *Terra Sonâmbula* (1992), romance que rendeu ao escritor duas premiações e, por último, mas não menos importante, o romance *Vinte e Zinco*, objeto de estudo neste trabalho. O autor recebeu inúmeras premiações, dentre elas o prêmio Virgílio Ferreira, pelo conjunto de sua obra 1999; o prêmio União Latina de Literatura Românicas, em 2007; o Camões de 2013, o mais prestigioso da língua portuguesa, e o Neustadt Prize de 2014 da Universidade de Oklahoma. Dos grandes prêmios destaca-se o Prêmio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores de Moçambicanos.

Vale salientar que Mia Couto, em suas obras, escreve sobre a sua terra natal, utiliza uma linguagem rica em neologismos, como se brincasse com as palavras. Atualmente é um dos autores moçambicanos mais traduzidos e divulgados no exterior, sendo um dos mais vendidos em Portugal. É comparado a Gabriel Garcia Márquez e Guimarães Rosa pela sua forma de escrever. Seu romance *Terra Sonâmbula* foi considerado um dos melhores livros africanos do século XX.

Adentrando no objeto de análise, *Vinte e Zinco*, iniciamos evidenciando que a obra foi escrita devido a uma solicitação da editora portuguesa Caminho para que os escritores publicassem algo para celebrar o 25º aniversário do dia 25 de abril, data referente à Revolução dos Cravos, movimento acontecido em Portugal no dia vinte e cinco de abril de 1974, ocasionando a queda da ditadura salazarista.

Mia Couto utiliza *Vinte e Zinco* como propositura do trabalho, lembrando que para os seus conterrâneos ainda não era o momento da libertação, tendo usado da ironia para expressar seus ideais através da literatura, como vemos na epígrafe do livro "Vinte e cinco é para vocês que vivem nos bairros de cimento. Para nós, negros pobres que vivemos na madeira e zinco, o nosso vinte e cinco ainda está por vir (COUTO, 2004)."

O autor utiliza a literatura para expressar as vozes de uma nação sofrida e oprimida pelo processo de colonização que deixou marcas indeléveis na história e no pensamento moçambicano. Desse modo a literatura contribui para a reconstrução da identidade cultural moçambicana, que os colonizadores tentavam eliminar, proibindo qualquer forma de manifestação cultural.

1.2 Contexto histórico luso-moçambicano

No dia 25 de abril de 1974, após meio século de ditadura. Portugal consegue se livrar do salazarismo. Foram anos difíceis, nos quais predominava uma rigorosa censura, um governo autoritário, antiliberal e anticomunista.

Após a Segunda Guerra Mundial, Portugal vivia o chamado Estado Novo, tinha uma polícia política denominada de PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) cujo dever era servir ao Estado evitando qualquer forma de manifestação contra o regime salazarista vigente. A PIDE desempenhava funções como causas administrativas, criminais e era responsável pela ordem nas colônias portuguesas. Criada entre 1945 e 1969, após 1969 foi chamada de DGS (Direção Geral de Segurança). Havia no regime salazarista exílios para presos políticos e a PIDE era encarregada de fazer a segurança do local. A Revolução dos Cravos foi feita por alguns militares revolucionários e pessoas que eram contra o regime, mulheres utilizaram cravos e colocaram no cano das armas, teve uma música composta por Zeca Afonso denominada "Grândola, Vila morena que fez parte desse movimento cuja letra é:

Grândola, vila morena
 Terra da fraternidade
 O povo é quem mais ordena
 Dentro de ti ó cidade

Dentro de ti, ó cidade
 O povo é quem mais ordena
 Terra da fraternidade
 Grândola, vila morena

Em cada esquina, um amigo
 Em cada rosto, igualdade
 Grândola, vila morena
 Terra da fraternidade

Terra da fraternidade
 Grândola, vila morena
 Em cada rosto igualdade
 O povo é quem mais ordena

À sombra duma azinheira
 Que já não sabia a idade
 Jurei ter por companheira
 Grândola, a tua vontade

Grândola a tua vontade
 Jurei ter por companheira
 À sombra duma azinheira
 Que já não sabia a idade

A Revolução foi muito importante para a metrópole, e também para as colônias de além mar. A mesma corroborou para o fim da PIDE nas colônias, como um fio de esperança para os colonizados, pois as colônias portuguesas, inclusive Moçambique, passavam por um momento conturbado com lutas internas entre seus habitantes por existir ideais diferentes

entre eles. Assim a metrópole tinha que enviar recursos para amenizar os conflitos e demarcar territórios, já que Moçambique além de ter seus recursos minerais explorados, convivia com a violência contra seus habitantes nativos, os quais eram oprimidos e torturados fisicamente e psicologicamente. “ Havia queixas sobre maus tratos praticados pelas forças policiais. Dedos acusadores apontavam para Diamantino e Chico Soco-Soco, os dois castigadores. ” (COUTO, 2004, p. 70/80).

O texto faz referência a uma possível visita de um superior à colônia devido à denúncia do uso da violência por parte dos policiais. O autor cita alguns meios de tais práticas violentas: porradas, palmatoagem e torturas. Andaré, personagem que sentiu na pele o ódio e o desejo de dominar que o homem branco exercia sobre seus irmãos, faz um pequeno e cruel relato: -“vi outros abusos, ofensas sexuais.” (COUTO, 2004, p. 84).

1.3 O processo de colonização

A África foi colônia de Portugal de forma distinta do Brasil. O fator principal foi o acesso ao oceano atlântico que proporcionava, para a metrópole portuguesa, a ampliação do seu comércio, isto é no que se refere ao processo de compra e venda de mercadorias devido a facilidade com os portos marítimos; na aquisição da mão-de-obra escrava, pois seus habitantes eram obrigados a realizar trabalhos forçados para na colônia e outros eram levados para metrópole; a exploração de seus recursos naturais incluindo o marfim. A metrópole não permitia qualquer forma de manifestação cultural deixando extinta a cultura de toda uma civilização. De acordo com Martinez (1992, p.5). Os modelos coloniais implantados na África não representam uma nova opção de vida para os europeus, isto é, eles não foram para lá construir uma nova pátria como fizeram em algumas partes da América.

Vê-se então que a colônia era explorada e impedida de qualquer maneira de haver ali uma manifestação cultural, ou de identidade de seu povo. Não era significativo para a metrópole que os escravos fizessem algum tipo de organização, pois isso representava um risco aos ideais da Coroa Portuguesa. O interesse do colonizador era apenas de explorar e adquirir recursos para a metrópole portuguesa. De acordo com os escritores moçambicanos, em 1979, na 6ª *Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos*, realizada em Luanda:

Para o colonialismo [...] questão central era a destruição das culturas dessas comunidades, ou seja, da sua capacidade de se identificarem como o povo. Pretendia-se romper os laços do povo com o seu passado, com a sua História- particularmente com a História da sua penetração colonial-estilhaçar a sua visão do mundo e da sociedade, privá-lo das formas de expressão que desenvolvera, desligá-lo até do seu espaço geográfico, amputando-o assim dos elementos, dentro da sua personalidade e impedindo-lhe que esses elementos, dentro da lógica de desenvolvimento das sociedades, se transformassem no cimento aglutinador da unidade nacional. [...] Para a maioria esmagadora do povo, a cultura imposta pelo colonizador identificava-se, por um lado, com a negação violenta da sua própria. (LUANDA 1981, p.70)

A população de Moçambique era formada por diferentes tribos, não interessava que fosse mantida a lembrança dos seus antepassados, pois poderia acarretar um possível levante contra a metrópole. Queriam que as práticas religiosas fossem esquecidas.

1.4 A presença da igreja no processo de colonização

O processo de colonização portuguesa teve a presença marcante da igreja que tinha como função catequisar e educar, segundo mandava a Santa Madre Igreja, garantindo assim a pacificação dos povos colonizados, o que nem sempre acontecia de forma generalizada. Em Moçambique não foi diferente a educação era ensinada até o quarto ano, era tudo muito resumido. Os padres lecionavam baseado na fé católica, portanto os colonizados eram obrigados a assimilar uma religião totalmente oposta a do seu país.

Os habitantes das colônias geralmente eram tidos como indivíduos não dotados de conhecimento ou que até mesmo não possuíssem identidade cultural, eram pessoas que viviam em outra forma de saberes, isto é, viviam sem qualquer capacidade sociável e crítica de viver, abandonada a própria sorte, sem direito a qualquer benefício do estado. Segundo Santos (2007).

O que silenciam é que, desta forma, se cria uma vasta região do mundo em estado de natureza, um estado de natureza a que são condenados milhões de seres humanos sem quaisquer possibilidades de escaparem por via da criação de uma sociedade civil.[...] a completa estranheza de tais práticas conduziu à própria negação da natureza humana dos seus agentes. Com base nas suas refinadas concepções de humanidades e de dignidade humana, os humanistas dos séculos XV E XVI chegaram à conclusão de que os selvagens eram sub-humanos (SANTOS, 2007, p. 6 - 7).

Partindo dessa premissa surge então toda forma de violência no sistema colonial: exploração da terra para retirar seus minerais; trabalho escravo; proibição do uso da língua nativa; proibição da realização dos seus cultos; destruição dos símbolos religiosos; tráfico de pessoas e repressão a qualquer forma de identidade cultural do seu povo.

Na obra *Vinte e Zinco*, podemos identificar várias passagens relacionadas à presença da igreja na educação. O narrador cita a personagem Jessumina que agora é feiticeira: “Aprendera assim. Onde estudara primeiro? Na missão, com as freiras. Onde aprendera de verdade? Foi na lagoa, na sua ausência deste mundo.” (COUTO 2004, p. 50). Em outro momento quando o narrador relata sobre a educação do cego Andaré, que era um agregado da família Castro: “Andaré era um jovem educado em escola, recomendado pelos padres que o escolarizaram” (COUTO 2004,p.22). E neste outro: “E se diante de vários acontecimentos de torturas ele não foi morto devido aos padres. Os padres já não andavam de muita satisfação com os maus tratos cometidos pela polícia colonial” (COUTO 2004, p.85).

Percebemos também na obra, que o padre Ramos é uma das personagens que dá a impressão de que era contra o regime vigente. O colonizador apresentava grande poder de dominação sobre os nativos, ora fosse pela obrigação de servir a coroa portuguesa, a qual defendiam seus interesses ou por medo da vingança de uma possível revolta dos colonizados que eram torturados e também das feitiçarias praticadas devido a sua religião.

Vejamos outro trecho do romance a respeito da religião: “—Os tambores, não os ouve?—Era só um batuque, mas já parou há algum tempo.— Isso só pode ser feitiço da pretalhada— É esse cego, eu ainda vou dar cabo desse cajo” (COUTO 2004,p.16/17). Essa era a maneira que eles encontravam para expressar a sua religião. Na obra “os tambores” tem duplo significado: pode explicar a volta de Jessumina, pois o narrador relata sobre o som dos tambores na volta da mesma ou anunciar o fim da PIDE na colônia.

De acordo com Boxer (1967, p.91) “Uma raça não pode escravizar outra por mais de três séculos, sistematicamente, sem adquirir um sentimento, consciente ou não, de superioridade racial”. Boxer contribui para a nossa pesquisa no tocante à relação de poder que existiu no processo da colonização que o indivíduo colonizador entende e sabe de todo processo de escravidão e exploração, domina e não admite ser questionado e passa a pensar ser o dono de toda uma civilização, querendo obrigar toda uma população a assimilar uma identidade cultural que não seja a do seu povo.

No capítulo intitulado “dia 20” encontra-se a seguinte epígrafe (COUTO 2004, p.19): “Ninguém nasce desta ou daquela raça. Só depois nos tornamos pretos, brancos ou de outra qualquer raça”. Esse texto é extraído do diário de Irene e é uma paráfrase de Simone de

Beauvoir. Para Lourenço de Castro os negros eram seres inferiores. Ele tinha ódio/temor daquela raça. Ele, um autêntico português, não poderia permitir juntar-se a esses ‘pretos’. Ele exercia fielmente o papel de colonizador. O rádio transmitia a notícia da Revolução em Portugal e Lourenço continua como se nada houvesse acontecido e sua mãe questiona, sobre o que deveria ser feito aos presos. Ainda nessa temática, temos(COUTO, 2004, p. 75/76):

O olhar do inspetor interroga o rosto da mãe. Ela não baixa os olhos, como é costume. E pergunta:

- Você não quer mandar alguém soltá-los?
- Solta-lós ?!!
- Sim, filho. Soltar os presos...
- Sem receber ordens superiores?
- Mas ordens de quem? A PIDE, lá no continente, já acabou.
- Não se chama PIDE. É DGS.
- Já acabou tudo, filho. Não entende?
- Não acabou aqui, mãe. [...]
- Diga-me só uma coisa... Faz algum sentido manter, agora, essa gente presa?
- A mãe não sabe o que está dizer!
- A mãe não pensa? Já viu o que era essa malta toda por aí a solta? Já avaliou bem?
- Se você a solta-los quem sabe eles esquecessem e até lhe agradecessem.
- Essa gente nunca vai esquecer. Nunca.

Percebemos então a rapidez com que Lourenço repreende a mãe, no intuito de não libertar os cativos da Vila de Moebase, talvez por medo da coroa ou dos próprios presos revoltarem-se e fazer justiça com as próprias mãos diante das torturas sofridas durante anos. Segundo Bauman:

O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivo claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se puder vê-la. Medo é o nome que damos a nossa *incerteza*: nossa *ignorância* da ameaça e do que deve ser feito — do que pode e do que não pode — para *fazê-la parar* ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance. (BAUMAN, 2008, p. 8)

CAPÍTULO 2 - APRESENTAÇÃO DA OBRA

O romance ficcional é apresentado em forma de um diário que pertence a Irene. As datas que contam são referências aos dias anteriores e posteriores à Revolução. Começa no dia 19 de abril e termina no dia 30 de abril. Todos os capítulos possuem epígrafes no início e sempre apresentam dualidades, mostrando as duas faces da história moçambicana. De um lado a família Castro que representa a lei da metrópole portuguesa na colônia, o patriarca, na figura do Joaquim de Castro o inspetor da PIDE (Polícia de Defesa do Estado). Figura que mesmo ao ser morto continuou tendo grande importância para seu filho, cruel e temido por seu prazer em dominar os presos. Dona Margarida uma portuguesa de origem educada e uma dona de casa que zela pela harmonia da família, por vezes chegara a sentir inveja da sua irmã Irene (Esta personagem interage com a cultura moçambicana, permitindo ao leitor enxergar outro lado da história). De acordo com (COUTO 2004, p.20): “Margarida quase sente pena de Irene quando a olha agora, dançando com o frasco entre os dedos. Quase podia ser compaixão. Mas é inveja. Assim, bela e feliz, Irene escapava à cinzenta daquela casa, vergada sob silêncios e suspiros”.

Lourenço de Castro era um homem calado, frio, seu principal objetivo era zelar pelos interesses da metrópole. Seguiu os passos do pai, sentia verdadeiro ódio aos “pretos”. Segundo (COUTO 2004, p. 22) “[...] ele não era de falas, muito menos risos. Seco, mas artimanhoso. Sua ascensão na polícia política se fez rápida, à força de muito serviço que não podia mostrar” e “Para ele não havia um regime. Havia Portugal. A pátria eterna e imutável. Portugal uno e indivisível” (COUTO 2004,p.69). Nessa união se incluíam o Padre Ramos, o médico Peixoto e o agente Diamantino, o responsável pelas torturas no exército colonial e braço direito de Lourenço.

Temos ainda a tia Irene, sendo que esta assumira a condição de “assimiladora” da cultura moçambicana, isto é, Irene era uma portuguesa com uma cultura distinta da existente em Moçambique, uma ilha em que predominavam costumes diferentes e sem a vida social que a sua família costumava frequentar no seu país de origem. Ela veio morar em Moebase com dona Margarida, sua irmã, após a morte do cunhado para que pudesse servir de companhia. De acordo com o relato “Irene chegara a Pebane sem modos de ocupadora, ela em si requerendo apenas o espreitar respeitoso de quem não quer posse nem domínio. Se comportava como era: estrangeira, vivendo em território colonial” (COUTO, 2004, p.35), o que para a família Castro era uma vergonha, uma branca misturar-se aos “pretos”.

Vejamos o trecho seguinte: “em Moçambique, a jovem Irene se desencaminhara, exilada do juízo e das maneiras, se mistura com os negros, dera licença a rumores e vergonhas” (COUTO, 2004, p. 20). Era como se a personagem fosse parte daquela nação. Ela tinha uma forte identidade com a cultura local, apesar da pouca existência de traços culturais já que os brancos combatiam essas manifestações culturais.

Temos como representantes da cultura moçambicana na obra as seguintes personagens: Jessumina a advinha ou feiticeira, que durante uma discussão entre Irene e Dona Margarida o narrador apresenta a maneira como a irmã ver a feiticeira.

- Sabes o que é? É uma aguinha tratada.
- Voltaste à bruxa!
- Em África não há bruxas. Jessumina é uma mulher com poderes. Tu Sabes, Guida, mas tens medo de aceitar (Couto, 2004, p. 19).

Andaré foi educado pelos padres e veio trabalhar para Joaquim de Castro, que o empregou com a função de pintor das salas da prisão, para encobrir as manchas de sangue deixadas pela violência cometida pelo inspetor da PIDE. Quando criança Andaré brincara com Lourenço, porém a vida ordenou caminhos diferentes. Lourenço tinha pavor a Andaré: “Jogámos sirumba, juntos. Não lembra? Éramos crianças, você e mais eu. Brincávamos juntos, não recordar?” (COUTO, 2004 p. 83). Marcelino era revolucionário e namorado da tia de Lourenço, foi ele quem influenciou Irene no movimento. Foi ele quem meteu Irene nas políticas. Ela era branca, cunhada de um agente da PIDE. “já o mecânico era homem de afiar existência, sem paciência para mormices nem fio para meios panos.” (Couto2004,p.36) Marcelino tinha a esperança de um dia ver Moçambique independente.

Dona Graça mãe de Marcelino mentia sobre a sua viuvez, seu filho nasceu de relacionamento com um português. Ela desaparece após a morte do seu filho Marcelino. Couto (2004, p.44) “Quando Marcelino morreu na prisão, Dona Graça se afundou como barco sem fundo. E sucedeu o estranho: a viúva desapareceu.” Em um determinado momento da leitura o narrador deixa entender que a Nyanga (feiticeira Jessumina) vem ser a D. Graça. Após uma aglomeração na praça incluindo Andaré que evocara Moisés e a montanha, com suas visões, o narrador mostra Jessumina ou D. Graça.

- Já cheguei, meu filho. Andaré se recosta na rechonchuda do colo de Jessumina e ele todo se abranda. A feiticeira pede ao cego passe a mão pelo pescoço dela. O homem que sentisse a sua pele. O cego roçou os nós dos dedos pelo corpo da advinha. O moço vai decifrando que naquela página, poro a poro. De repente, um tremor lhe suspende o gesto:

- Mas... a senhora?

Os dedos voltam a tactear a pele, redesenhando as tatuagens no pescoço da feiticeira. Andaré sorri, fechado em mistério. Lhe regressa, intacto, o cheiro da oficina em que o tempo se espreguiçara pelas varandas.

- Já descobriu quem eu sou (COUTO, 2004, p. 61).

O cego reconheceu sua amiga através do cheiro e da tatuagem que ela tinha, passavam muitas tardes na oficina do seu irmão Custódio Juma, dialogavam sobre assuntos da Revolução e sobre o desejo que o mesmo tinha de ser branco, presenciavam o amor de Irene e Marcelino, o sonho por uma Moçambique livre.

Tio Custódio não apreciava a política, temia mais uma repressão.

- Não me venha com essas ideias de política. A política é desses incêndios que se acendem na casa do outro e quem arde é a nossa casa. Porém mesmo se opondo a política por medo de perder mais algum familiar ainda consegue furtar alguns documentos do Exército Colonial Português, Couto (2004,p.44).

Num sopro pediu a Marcelino que retirasse uns papéis debaixo da almofada.

- Veja: eu roubei esses papéis lá no quartel. São para si.

- Para mim?

- Entregue aos camaradas, pode ser que eles sirvam. Desta maneira pode ser que eles sirvam. Desta maneira, pode ser que eu tenha servido também.

E quase inaudível, ainda solicitou:

- Diga lá aos seus chefes que fui eu, Custódio Juma, que desenrasquei essas papeladas (COUTO, 2004 p.36/37).

Esses papéis ele desviou porque foi obrigado a prestar serviços ao Exército Colonial Português consertando as viaturas militares, o que fora uma traição para Marcelino.

2.1 Linguagem utilizada no texto

Couto consegue retratar, no seu romance histórico, fatos que atentem para o movimento como também a existência de uma pluralidade de linguagens existentes. Tenta manter a sua linguagem local, tida como forma de resistência, devido às várias trocas que podem ocorrer, devido aos diferentes grupos de pessoas existentes na colônia. Utiliza uma

linguagem poética que leva o leitor a refletir um pouco através da poesia presente no seu texto.

Podemos perceber isso em momentos diferentes do discurso dentro da obra, através da conversa entre Marcelino e o tio Custódio (COUTO, 2004, p. 37): “E o tio concluía: a felicidade é um instante, um relâmpago fora da tempestade. Quem dá a chávina não dá a colher. E quando nos dão a luz, lá vem junto um túnel”; quando relata a beleza dos olhos de Andaré Tchuisco: “Que os azuis olhos de Tchuisco não sossegavam quem os contemplasse. Como quem trouxesse o céu no rosto só para nos fazer cair do voo abaixo.” A irmã ao ler algumas cartas de Irene (COUTO, 2004, p.57): “Há cartas, muitas cartas sempre por terminar. Nesses textos, Irene explica seus sentimentos. Enquanto amava ela se enriquecia de outras vidas”. Outra passagem dá-se na conversa entre Lourenço e Andaré sobre a noite:

O pássaro pousa em ponta de zagaia?
 - É pena você não ver. A noite está estrelada.
 - O que importa não é passear de noite mas deixar a noite passear-se em nós.
 - Sabe que eu há anos que não saio de noite.
 [...] Não são os brancos que são gente sozinha. Sua cultura é que é muito solitária.
 - Eu tinha essa grande crença, sabe. Quase eu não precisava ter pai. Havia Salazar, a pátria, a ordem.
 - Esse é o problema das crenças: todas são mortíferas.
 - Não creio. Sem crenças o que somos? (COUTO, 2004, p.98).

No final do romance, o autor dá o último toque de sua criativa imaginação relacionando o trabalho de Andaré à Revolução:

Não é só o morto que se esvai: a própria morte desvanece. O cego sente que seus olhos se tornam mais inundáveis. Como se abrisse um imenso pátio, a cada pincelada, se vai dissolvendo, a pontos de total inexistência. Como se o pincel que empunhasse fosse areia, na mão o vento, apagando pegadas no deserto. (COUTO, 2004, P.101)

O autor ainda apresenta algumas palavras da população colonizada através da fala de Jessumina: “— Lá onde vivi tudo é rápido, mas sem nunca ter pressa. Tenho saudade do lago. — Em você, minha senhora, não sei se sou capaz. Estou ficando cega da boca. Você me está entender? (COUTO,2004,P. 49)

Diante dessas articulações feitas sobre a linguagem nesse contexto podemos citar as considerações de Jane Tutikian (2006)

Se, por um lado o trabalho de subversão da linguagem resulta na sua poetização, por outro, representa resistência ao processo colonizador, contribuindo na introdução do insólito como acontecimento natural e cotidiano na obra e numa cultura cuja tradição está calcada no mito. É quando, em Mía Couto, o presente retoma a consistência mítica, buscando recuperar certos valores autóctones de raízes específicas, capazes de clarificar a consciência ou identidade nacional. Aí, mito e realidade formam um todo coerente e denunciador, opondo-se ao discurso do poder. (TUTIKIAN, P.59)

Couto traz na sua obra a voz do povo moçambicano uma obra preenchida de sonho e realidade, distintas vozes que ecoam em um caminho de mãos duplas para chegar á concretização do ideal, conseguindo relatar sobre o processo violento e complicado que foi a colonização e ao mesmo tempo utilizar a linguagem do seu povo.

2.2 A presença do fantástico e do mito na obra

Na obra o mito do Napolo é apresentado pela 1ª vez no helicóptero durante a morte do seu pai e agora na praça na frente de todos durante uma discussão entre Lourenço e Andaré. (COUTO, 2004, p. 63-64)

-Já mandei: pegar lá a porcaria da bengala!
Contrafeito, o cego toma o bastão vermelho e branco, e de repente, sem que ninguém presumisse, lança-o sobre os ares. A bengala vai subindo, volteando-se pelo espaço. De súbito, ante a geral espantação, a bengala se converte em ave. Uma dessas criaturas, alvirubra, que anuncia as tempestades. A inesperável ave bate asas, rodamoinhando como um furacão sobre a praça. Súbito, o pássaro se adelgaçou, convertido numa fita brilhosa que serpenteia pelos ares. Alguém grita:

-Vejam!É o napolo!

E foram passos para trás e terrores rasteirando a retirada. Ninguém se podia crer: o monstro napolo, a cobra voadora, trazedora de tempestades e relâmpagos! Tudo a cobra voadora arrasta no seu percurso. É assim que nasce o tempo, réstia do mundo devorado. [...] Mas o napolo se transmuta aos olhos da multidão. Se assume agora mais como um pássaro, asas descapotáveis, cauda toda emplumada. E agora Lourenço entendera a razão dos seus fantasmas, anos com pesadelos constantes”.

O mito do Napolo representa a ânsia pela liberdade do povo mais humilde, o autor utiliza o personagem Andaré para a enunciação do mito, pelo fato do mesmo ter certos poderes que adquiriu apesar da sua não cegueira. Andaré enxergará os acontecimentos seguintes. Isto é, a Revolução que viria em seguida:

A adivinha prossegue, maternosa:

-E mais que vê, me diga?

-Vejo os campos serem arrastados. E vejo as águas escuras, escuras, lamaçosas. As águas têm agora mais terra que estrada. [...] Os brancos falam na ideia como coisa solar que ilumina as mentes. Mas a ideia, todos sabemos, pertence ao mundo do escuro, dessas profundezas de onde nossas vísceras nos conduzem. (COUTO, 2004, p.62)

Lourenço suspeitou que Andaré não seria cego, e chegou a duvidar da realidade sobre a cegueira, e que ele daria fuga aos negros, mas nunca esse fato foi confirmado pelo PIDE. Os campos sendo arrastados representam a saída dos brancos e as águas escuras, a purificação da terra, que sentiu durante décadas o poder da mão do homem branco. A água no romance é responsável pelo poder de limpar e purificar a terra.

De acordo com Sébastian Joachim (2010, p. 120):

[...] qualquer coisa, objeto, situação, acontecimento, fato ou ser cósmico, fato ou ser histórico, fato ou ser científico, herói erigir-se em mito. Basta essa coisa, evento ou personalidade provocar uma forte impressão ou emoção, entrar em sintonia com as experiências ou a vivência consciente e principalmente não-consciente de um grande número de pessoas e, em decorrência desse destaque, ganhar uma sacralidade ou distanciamento do banal.

Percebemos que o mito está relacionado com os diferentes fatores que envolvem acontecimentos sociais, científicos, religiosos, históricos entre outros que causam reações emocionais em uma população.

Na narrativa ficcional o autor nos apresenta a manifestação do fantástico maravilhoso que está relacionado aos costumes religiosos da nação moçambicana. Verificamos na discussão da personagem Irene com Lourenço no sentido de que o espírito do velho Castro ainda permanecia na casa e que nunca iria descansar pelas atrocidades que ele cometia com os colonizados, mesmo estando morto suas coisas eram mantidas como se o mesmo ali estivesse, isso tornara aquela casa colonial sem vida. Conforme Couto:

-Veja o que eu faço à merda das suas mezinhas! [...] Com um áspero sibilo ela faz gelar a sala:

- Pois, eu vos digo: esta casa vai definhar, até nela apodrecer o espírito desse monstro que foi esse teu pai. [...]

-Haveis de enterrar mil vezes esse falecido. E será sempre enterro falso. Que esta terra nunca, mas nunca o irá aceitar (COUTO,2004, p. 24).

Nos costumes religiosos citados, na religião moçambicana quem morria e não era enterrado, não descansava. Joaquim de Castro jogava os presos amarrados em pleno ar, e fizera muitas outras atrocidades na terra.

Observamos também essa manifestação através da personagem Irene, que conforme COUTO (2004,p. 58),“Depois da morte de Marcelino, certas vezes, a irmã passava pela oficina e recolhia sujidades entre os dedos. Depois, se manchava de óleos para fazer de conta que o outro ainda constava entre viventes”. De acordo com (TODOROV, 2008, p. 15-16):

Num mundo que é bem como o nosso, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mundo familiar. Aquele que vive o acontecimento deve optar por uma das soluções possíveis: ou se tratar de uma ilusão dos sentidos, um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são. Ou então esse acontecimento se verifica realmente, é parte integrante da realidade; mas nesse caso ela é regida por leis desconhecidas por nós. O fantástico ocupa o tempo desta incerteza. Assim que se escolhe uma das duas respostas, deixa-se o terreno do fantástico para entrar em gênero vizinho: o estranho ou maravilhoso. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural.

Os acontecimentos relatados na obra têm semelhança com o conceito de Todorov no caso citado acima referente a personagem Irene, como também pelo fato da não aceitação da morte por parte de Lourenço que presenciou o fato e ficou tendo pesadelos constantes. Irene que nunca aceitará a morte do seu namorado Marcelino, encontra então essa ‘maneira’ de sentir o amor vivo, pois se ela frequentava a oficina quando namorava Marcelino, irá fazê-lo viver, mesmo tendo o visto morrer de forma violenta, por obra do seu sobrinho Lourenço.

CAPÍTULO 3 - CONFLITOS CULTURAIS EM VINTE E ZINCO

A cultura moçambicana está representada na obra literária *Vinte e Zinco* do autor Mia Couto por diversos aspectos, principalmente através da personagem Irene. O narrador vai ilustrando nossa imaginação: a participação de Irene nas reuniões religiosas; banhar-se no lago para adquirir conhecimento; tatua seu corpo, coisas que são atribuídas aos negros; participa do culto aos falecidos levando comida; convive com os negros. Os principais personagens representantes da Cultura moçambicana são a feiticeira Jessumina, Andaré Tchuisco, Marcelino e a tia Irene. Jessumina uma feiticeira parte importante da religião moçambicana, que terá a visita da Dona Margarida irmã de Irene.

Através da personagem Andaré Tchuisco, mulato agregado da família Castro, o narrador vai explicando aos poucos a sua cegueira. Ele é peça importante na obra: através dele aparece a chuva e o mito do Napolo e as descobertas de torturas praticadas contra os negros é revelada por Andaré. A tentativa de apagar as marcas de todo um sofrimento de uma gente, é ele quem passar a pintar aquela prisão, na cor branca que simboliza a pureza. Marcelino um revolucionário sonhará com uma Moçambique livre, namorado da tia do inspetor da PIDE.

Irene viera para África após a morte do seu cunhado para fazer companhia a sua irmã Margarida. Conforme (COUTO, 2004, p. 20):

Irene viera para África depois que seu cunhado Joaquim de Castro morrera. A viuvez é demasiado pesada para suportar em solidão. Por isso, Margarida requereu a presença de Irene e lhe pediu o pleno exercício da irmandade. Em vão. Em Moçambique se desencaminhara, exilada do juízo e das maneiras. Se misturara com os negros, dera licença a rumores e vergonhas. [...]. Esperava-se da família Castro que emanasse o exemplo. Não acontecia, devido a Irene. Afinal, onde a noite mais escurece é em volta do pirilampo.

Irene demonstra no decorrer da narrativa uma personalidade forte e determinante. Isso fica evidente durante as sucessivas discussões com o seu sobrinho Lourenço e quando o narrador a descreve (COUTO, 2004, p. 20): “Em tudo que fazia Irene se acendia em fogo de dentro”. Ou em (COUTO, 2004, p.25): “Pensas que tens o poder de matar? Pois esta gente, os pretos como tu lhes chamas, tem poderes que desconheces. Esses que mataste ainda estão por aqui, deste lado da vida. Só matas os que eles deixaram morrer”.

Irene em nenhum momento quis assumir a postura de colonizadora, pelo contrário ela assimilou a cultura africana como sendo sua:

O tempero da alma de Irene se revelara desde que ela desembarcara em Moçambique. Irene chegara a Pebane sem modos de ocupadora, ela em si requerendo apenas o espreitar respeitoso de quem não quer posse nem domínio. Se comportava como era: estrangeira, vivendo em território colonial (Couto, 2004, p.35)

Para Lourenço era uma vergonha o comportamento da tia, mistura-se com os negros esquecendo sua origem portuguesa, andando e participando das celebrações religiosas moçambicanas.

A moça usufruía do lugar, sem fronteira de medo. Passeava sozinha nos bairros dos negros. Sentava-se com eles. Bebia e comia com eles. Pelas tardes, escapava ao tempo nos lagos de Nkuluine. (COUTO, 2004, p.20)

Para Lourenço o fato de a tia uma branca andar com esse comportamento era inadmissível, ele representava o Regime, a ordem. Como impor respeito na colônia, se a própria família não o respeitava? De acordo com (BAUMAN,2005, p. 28)

A ideia de ‘identidade’ nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e ergue a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia-criar a realidade à semelhança da ideia. É conveniente a obrigação do dever de servir à nação a qual pertence, é isso que o Estado quer dos seus habitantes.

Irene roubara documentos da casa dos Castros para entregar ao Marcelino, ela não concordava com a atitude do sobrinho, participava dos encontros religiosos na lagoa e ao voltar para casa, dança como se ainda estivesse lá, o que provoca a ira de Lourenço. É interessante a forma como o narrador relata a dança da personagem, ao ler dar impressão de vê-la dançar. Conforme (Couto, 2004, p. 22-23)

O rodar da maçaneta faz despertar Margarida. Irene continua dançando, voltateando-se pela sala. Lourenço, entrado na sala, estremece. Irene passa rodando, pernas deixadas nuas pelo arregaçar da saia na cintura. Se percebe que aquela dança não é europeia. É ritmo africano. A mulher branca se balança como seu corpo albergasse o mundo dos outros. [...] – Ela foi outra vez às lagoas! Sempre embalada por uma inaudível música, Irene vai ao encontro do sobrinho.

Irene demonstra no decorrer da narrativa (COUTO, 2004, p.23-24) uma personalidade forte e determinante. Isso fica evidente durante as discussões com seu sobrinho Lourenço. A

personagem enfrenta o sobrinho mostrando-lhes o frasquinho com a água dada por Jessumina, água que tinha poder de curar Andaré:

Pára, afogueada. E explica com o coração nas palavras: aquele era o líquido em que os abutres lavavam os olhos. Aquela água apurava visões de quem delas carecia. E ela pedira aquele líquido para lavar os olhos de Tchuisco, o cego seu amigo.

- Não quero ouvir falar desse nome.

- Quem, Tchuisco? E porquê, Lourenço?

- Esse nome não volta a ser pronunciado nesta casa. Eu não lhe disse que não a queria ver mais com esse preto?

Nesse conflito, a voz de Irene se engatilha, às vezes, fio tremente, outras vezes, espantada com sua própria grandeza.

- Lourenço, o menino não entendeu uma coisa: você só dá ordens. entendeu?

- Pois eu lhe mando uma coisa: cubra essas pernas imediatamente. Irene, em desafio, desabotoa a saia. A roupa lhe tomba, em suspiro, a seus pés. Depois, de um puxão ela faz saltar os botões da blusa. Assim, em vasta nudez, se antepõe perante o sobrinho. O homem reage com disparada violência. Arranca-lhe das mãos o frasco e arremessa-o de encontro ao chão.

- Veja o que faço à merda das suas mezinhas!

Os olhos de Irene se inflamam. Aos poucos seu rosto se despertence. A mulher, vê-se, vai perdendo a matéria e o volume do juízo. Levanta o cabelo com as duas mãos como se entendesse domar a alma que lhe escapa.

- Pois, eu vos digo: Esta casa vai definhar, até nela apodrecer o espírito desse monstro que foi esse teu pai.

A personagem encontra-se completamente descontrolada e passa a proferir palavras que deixam seus familiares preocupados com o seu estado de lucidez, diante do fato da nudez e descompostura de Irene. Em diversos momentos da obra percebemos a intenção do narrador em demonstrar a possível loucura de Irene: quando o narrador apresenta a diferença existente entre as irmãs:

A diferença de idades, na circunstância, se evidencia ainda mais, Irene, mais moça, é dessas mulheres bravias, vivas de nascença. Ela tem corpo e rosto, tudo em estado desejável. Se não fosse louca ainda havia esperança de se lhe arranjar pretendente (COUTO 2004, p.19).

O narrador apresenta o pensamento de Lourenço sobre a tia: “Assim, só e triste se convocam as temíveis doenças. E quem sabe, os maus espíritos? Sabe-se lá foi por isso que Irene contraíra aquele desjuízo dela”. (COUTO 2004, P, 22)

Atentamos ainda nesse diálogo entre Dona Margarida e Jessumina (COUTO, 2004, p, 51):

- Cuidado, Dona Margarida. Quem não tem viagem é escolhido pela loucura. Veja o que sucedeu com sua irmã.
- Às vezes até desejo que me suceda o mesmo, Deus me perdoe.
- Deus não a está escutar, Dona Margarida. Aqui não chega o ouvido de Deus.

Jessumina esclarece que o seu Deus é distinto do Deus dos brancos. Margarida parece desejar a ‘loucura’ da irmã mencionada, referente a capacidade que Irene tem de adaptar-se a uma nova realidade. Algo que ela como portuguesa conservadora tinha muita dificuldade.

O narrador ainda acrescenta no diálogo entre as irmãs (COUTO 2004, p, 57):

- Tenho outras coisas para fazer. Coisas bem mais importantes.
 - Outras coisas ,bem sei. Como é que te atreves a andar por aí nessas reuniões?
 - O que queres, mana? Eu sou uma canhota que faz coisas bonitas com a mão direita.
- Irene sai. A irmã não sabe, mas Irene vai cumprir o ritual dos falecidos .Dirige-se à grande maçanqueira onde estão as campas de Marcelino e Custódio. Irene visita-as à maneira das crenças indígenas. Leva-lhes farinha, panos, bebidas. Senta-se junto à tumba e conversa com os mortos. Resta-lhe o conforto daqueles falecidos terem encontrado residência e não desvairarem sem repouso como esse seu malfadado cunhado, Joaquim de Castro. Quem não tem parentesco com a vida não chega nunca a morte devidamente.

Podemos então perceber que a família caracteriza a loucura de Irene devido à personagem imergir na cultura da colônia, já que trata de um mundo diferente do vivido pelos colonizadores portugueses. Para seus parentes era uma vergonha Irene portar-se daquela maneira; andar com os negros, roubar documentos do seu cunhado e entregar aos revolucionários da Frelimo, namorar um mulato e ainda participar de reuniões que pertenciam a religião praticada na colônia e ver-se como parte dessa civilização era algo impensado para sua família, e para que a irmã receba cuidados contratam os serviços do médico Peixoto. De acordo com (Couto 2004, p. 16) — Você anda agitado, Lourenço. Prometa-me: amanhã vamos ver o doutor Peixoto.

- Eu não estou doente, mãe.
- Mas ele anda a tratar a tia Irene, não custa nada...

O médico seria então o responsável pela cura da loucura da tia, faria com que a mesma voltasse ao seu estado ‘normal’ para satisfazer a vontade da sua família. Segundo Foucault (2002)

Mas uma coisa permanecerá: a relação do homem com seus fantasmas, com seu impossível, com sua dor sem corpo, com sua carcaça da noite; uma vez o patológico posto fora do circuito, a sombria pertença do homem à loucura será a memória sem idade de um mal apagado em sua forma de doença, mas obstinando-se como desgraça.(p. 194)

É sabido que os acontecimentos mencionados sobre vida de Irene, incluindo a morte do seu amado Marcelino, corroboraram para sua permanência nesse novo universo cultural. Irene frequentava mais vezes as reuniões e casa de Jessumina, e continuava mantendo viva a presença do amado Marcelino ou como ela mesma chamava ‘Marcelindo’.

O que para sua família era algo vergonhoso, inadequado, para Irene uma forma de viver sua nova condição social e cultural, ela se identificara com as novas descobertas e rompe com o que Stuart Hall (1998, p. 42) descreve como o tipo de poder disciplinar que surgiu ao longo do século XIX: O poder disciplinar está preocupado, em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância é o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo.

Para que as pessoas consigam viver de maneira organizada e sociável, é necessária a existência das regras disciplinares, estas são, portanto aplicadas em diversos lugares por exemplos; hospitais, prisões, igrejas escolas entre outros. As aplicações dessas regras facilita o convívio social, delimitando que cada indivíduo seja coerente nas suas respectivas funções, evitando assim a inadequação da aplicação dos seus trabalhos e mantendo de forma correta o convívio entre as demais pessoas.

Em certo momento da narrativa percebemos que Dona Margarida descobre o caderno de Irene e entende a felicidade que sua irmã sentia ao lado do seu amado Marcelino (Couto 2004, p. 57):

Há cartas, muitas cartas sempre por terminar. Nesses textos, Irene explica seus sentimentos. Enquanto amava ela se revestia de outras vidas. Seus olhos ficavam de muitos quilates. Margarida lê de trás para a frente, sentindo o dente da tristeza de não ter entendido todo aquele tanto tempo.

Dona Margarida compreende toda aquela alegria de Irene e o desejo que ela tinha de um dia ver à libertação desse povo que sofria bem ao seu lado. Porém em determinados momentos vê-se a inveja sentida por D. Margarida em relação a Irene. Couto (2004, p.20) “Mas é inveja. Assim bela e feliz, Irene escapava á cinzentura daquela casa, vergada sob silêncios e suspiros.” E ainda Couto (2004, p. 57) “Margarida lê de trás para frente, sentindo o

dente da inveja lhe roendo a alma. Se abate em tristeza de não ter entendido todo aquele tanto tempo”.

O amor que Irene sentia por Marcelino e pela ilha era o que movia a sua vida, e mesmo após sua morte, ela continuava com a esperança de vê seu povo liberto. A última vez que o narrador cita Irene ela está ao lado de Jessumina, ambas caminham em direção à lagoa. E Andaré a chama, mas ela apenas acena (COUTO, 2004, p. 99-100):

O cego Andaré segue pelo carreiro entre os coqueiros, em direção à cadeia da PIDE. Leva na mão a chave da prisão. A alegria lhe abalroa o peito. Seus irmãos se libertariam de vez daquela grade. Seria aquilo coisa de acreditar?[...] Lhe parece, entre os caniçais, a figura de Irene. Vem acompanhada de Jessumina. As duas estão caminhando na lagoa, a água roça-lhes os joelhos. O cego grita:

- Irene! Menina Irene!

As mulheres erguem o rosto, surpresas. Pareciam não esperar ninguém, manhã tão prematura. Irene ainda acena. O cego corresponde. E um aperto lhe retrai o gesto. Aquele aceno era o da despedida? Andaré esgueira o olhar para aperfeiçoar o horizonte. As mulheres caminham para o centro do lago. Quando à água lhes dá pelo peito, Jessumina para e passa as duas mãos pela cabeça da branca. Depois, a advinha lhe vira costas. Irene segue avançando, em demorado naufrágio, até submergir por completo.

Em fim a água trouxera o homem branco e agora uma branca tornara parte daquela nação. Irene ao submergir na água passa pelo mesmo ritual que Jessumina para tornar-se uma nyanga. Diante de anos de repulsa aos negros, Lourenço não percebe que o fim está próximo, então caminha e conversar longas horas com Andaré, antes da sua partida para outro lugar que fora determinado pela forma de viver escolhida pelo mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da análise fizemos uma breve contextualização do momento histórico, com a apresentação da obra e em seguida a parte pertinente ao nosso estudo que foi direcionado aos conflitos culturais existentes na obra, devido ao processo de colonização ocorrido em Moçambique, ocasionando assim uma repressão por parte da Metrópole sobre a colônia, pois não era interessante que os colonizados expressassem sua cultura, pois assim fortaleceria a vontade do povo de lutar pelos seus ideais.

Dessa forma ficou perceptível a batalha entre o homem branco dominador e o homem negro dono de sua terra, porém sem direito de manifestar qualquer forma que mantivesse viva a cultura de seus ancestrais. O autor apontou aspectos culturais identitários utilizando a linguagem nativa em determinados momentos da narrativa. E ainda: ao citar traços relacionados à cultura oral, mitos, crenças e comportamentos; ao descrever em detalhes as principais personagens que compõem a narrativa; e ao apresentar Irene, uma mulher branca, que ultrapassa o conflito de identidades ao assumir, como sua, a cultura negra africana em Moçambique.

Portanto percebemos que o processo da colonização e exploração se deu de forma a coibir qualquer forma de manifestação cultural do povo moçambicano, causando assim estragos intensos nas línguas nativas faladas pelas etnias moçambicanas, uma vez que o português se tornou língua oficial.

Concluimos, assim, que a pesquisa foi de grande relevância pela maneira como o autor relacionou a opressão colonial e ao mesmo tempo utilizou uma linguagem literária, a qual perpassa o horizonte real e favorece a construção de novos caminhos para as possíveis imaginações dependendo do leitor. Lembrando que os conflitos culturais ainda permeiam a nossa sociedade, o que facilmente se observa no meio social, são palavras e atitudes que demonstram racismo independente de cor ou função social. Podemos através da análise da obra ampliar novos horizontes sobre cultura.

OS CONFLITOS CULTURAIS NA OBRA *VINTE E ZINCO* DE MIA COUTO

ABSTRACT

This article discusses the cultural conflicts in Mia Couto's *Twenty - Zine* (2004). The analysis will be constructed taking into account the process of Portuguese colonization in Mozambique, the historical context that relates to the work, the way of using narrative language, for the construction of the work. The study will also take into account the social relationship between the characters and the conflicts generated by the situation between Portuguese and Mozambicans, due to the situation of colonization. We will use the considerations of some theorists, such as Boxer (1967) for the relevance of the relation of power within the process of colonization; Tutikian (2006) for showing how the language of native ethnicities was used by literature as a means of resistance against the colonizer's attempt to erase. Todorov (2008) referring to the wonderful fantastic and Foucault (2006) analyzing the supposed madness of a white person who decides to assimilate the black culture of the colonized.

Keywords: Literature, Colonization, Cultural Conflict.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidades**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. **Medo Líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOXER, Charles.R. **Relações raciais no Império português 1415-1825**. Porto Alegre: Afrontamento, 1998.

CABAÇO, José Luís de Oliveira. **Moçambique**: identidades, colonialismo e libertação. São Paulo/USP, 2007. Tese de doutorado em Antropologia Social.

COUTO, Mia. **Vinte e Zinco**. 2ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

FENSKE, Elf kurten. **Mia Couto-Templo cultural Delfos**. Novembro de 2012. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2015/05/mia-couto-poemas.html>. Acesso: 02/11/2017.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos. Volume I (problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise)** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós- modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 2ª edição. Rio de Janeiro:DP&A,1998.

JOACHIM, Sebastian. **Poética do imaginário**: Leitura do mito. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

MARTINEZ, Paulo. **África e Brasil**: uma ponte sobre o Atlântico. São Paulo: Moderna 1992.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. São Paulo: Novos estudos- CEPRAB, 2007.

SECCO, Lincoln. 25 de abril de 1974: **A Revolução dos Cravos**. São Paulo: Companhia editora Nacional 2005.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**: Teoria da Literatura-debates. Editora Perspectiva 2008.

TUTIKIAN, Jane. **Velhas identidades novas**: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2006.

_____. **Questões de Identidade**: a África de língua portuguesa. Letras de hoje, Porto Alegre,v.41,n.3,setembro,2006. Disponível em: <<http://caiobas.pucrs.br/fzva/ojs/index.php/fale/article/view/613/444>>.Acesso em 04 de novembro de 2017 às 07h30.

WIKIPEDIA. **História de Moçambique**. 2009. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Mo%C3%A7ambique>.Acesso em: 10 de novembro de 2017.

WIKIPEDIA. **Revolução dos cravos:** 2009. Disponível em:<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o dos cravos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_dos_cravos)>. Acesso em 25 de novembro de 2017 às 15h00.